



## ESTADIAMENTO DE MASTOCITOMA RECIDIVANTE EM CÃO<sup>1</sup>

**Alice Sampaio Moraes da Costa<sup>2</sup>, Isabela Peres Leke<sup>2</sup>, Gabriele Piccin<sup>2</sup>, Anna Vitória Hörbe<sup>3</sup>, Catherine Konrad Nava Calva<sup>3</sup>, Catia Cericatto Segalla<sup>3</sup>, Luna Silvestri Souto<sup>3</sup>, Ricardo Pozzobon<sup>4</sup>**

<sup>1</sup> Relato de caso desenvolvido na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

<sup>2</sup> Graduação em Medicina Veterinária, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

<sup>3</sup> Programa de Residência Uniprofissional em Medicina Veterinária, UFSM, Santa Maria, Rio Grande do Sul (RS), Brasil.

<sup>4</sup> Departamento de Clínica de Grandes Animais, UFSM, RS, Brasil.

### INTRODUÇÃO

Os mastocitomas são neoplasias caracterizadas pela proliferação excessiva dos mastócitos originários da derme, acometendo mais comumente os membros, a região inguinal e a região prepucial. A apresentação cutânea desses tumores representa a segunda neoplasia maligna mais comum em cães, com uma incidência de até 20% dos casos (Natividade et al., 2014).

Ocorrem principalmente em animais de meia-idade a idosos, possuindo manifestação clínica e comportamento variável, o que dificulta tanto o diagnóstico quanto o tratamento (Britton, 2019). O mesmo autor salienta que é necessária uma avaliação cuidadosa para determinar o tipo e a gravidade do tumor.

A confirmação diagnóstica é realizada através de exame citológico das lesões, revelando a presença elevada de células redondas com núcleos de formato redondo a oval e grânulos citoplasmáticos, características dos mastócitos. A biópsia é recomendada para avaliar o grau da neoplasia (Britton, 2019; Prado et al., 2012).

O sistema de estadiamento da Organização Mundial da Saúde (OMS) considera a localização do tumor primário e a presença de metástases à distância, enquanto as avaliações histológicas ajudam a determinar o grau de malignidade do mastocitoma, classificando-o em alto ou baixo grau. Essas determinações têm um impacto direto na escolha da conduta terapêutica (Melo et al., 2013).

O tratamento indicado é a exérese cirúrgica, que pode ser complementada com radioterapia ou quimioterapia, conforme necessário em cada caso (Britton, 2019). O acompanhamento do animal deve incluir exames de imagem, como radiografia e ultrassonografia, além da citologia dos linfonodos (Abbas et al., 2000).



Diante da relevância desta patologia, o presente trabalho tem como objetivo relatar o estadiamento de um cão com mastocitoma localizado no flanco direito.

## **METODOLOGIA**

Um canino, fêmea castrada, com 15 anos de idade, sem raça definida, pesando 25,8 kg, foi encaminhado ao Hospital Veterinário da Universidade Federal de Santa Maria (HVU - UFSM) devido a episódios de vômito, perda de apetite e recidiva de mastocitoma já diagnosticado através de exame citológico em flanco direito, em que a exérese deste nódulo havia sido realizada há três meses.

Ao exame físico, o animal apresentava-se apático, ofegante e taquicárdico. Notou-se a presença de aumento de volume em flanco direito, em local de possível recidiva, além de linfadenomegalia de linfonodo inguinal superficial direito. Foram solicitados exames complementares, incluindo ultrassonografia abdominal para pesquisa de metástases e exames hematológicos

Os exames hematológicos mostraram diminuição das hemácias (4,46 milhões/mm<sup>3</sup>; referência: 5,5 - 8,5 milhões/mm<sup>3</sup>), da hemoglobina (10,0 g/dL; referência: 12,0 - 18,0 g/dL) e do hematócrito (30,6%; referência: 37 - 55%), caracterizando anemia. Observou-se leucocitose (17.300/mm<sup>3</sup>; referência: 6.000 - 17.000) com aumento de células segmentadas (14.013; referência: 3.000 - 11.500). Além disso, foram registrados níveis elevados de alanina aminotransferase (ALT) (476 U/I; referência: 10 - 88 U/I) e fosfatase alcalina (FA) (1086 U/I; referência: 20 - 156 U/I).

O exame ultrassonográfico revelou heterogeneidade e hipocogenicidade de linfonodo inguinal superficial direito, além de intensa reatividade em tecidos moles adjacentes, alterações sugestivas de reatividade associada à metástase. Em contraste, o linfonodo inguinal superficial esquerdo não mostrou alterações ultrassonográficas aparentes. Além disto, o fígado apresentava evidente hepatopatia difusa, com marcada heterogeneidade e hiperecogenicidade, e o baço com esplenopatia difusa, esplenomegalia e ecotextura grosseira, não sendo possível descartar atividade metastática nos respectivos órgãos. Tais achados indicavam a necessidade de citologia ou biópsia das estruturas para auxílio diagnóstico. Adicionalmente, foi observada nefropatia difusa de aspecto crônico e alterações na vesícula urinária sugestivas de cistite.







PRADO, Aline et al. Mastocitoma em cães: Aspectos clínicos, histopatológicos e tratamento. **Enciclopédia Biosfera**, v. 8, n. 14, 2012.

SANTANA, Beatriz Gama de; PRIOSTE, Fabíola Eloísa Setim. Mastocitoma em cão – Relato de caso. **PUBVET**, 2021.

SILVA, Elisabeth Schmidt; DALEPIANE, Ana Carolina; ROSSATO, Cristina.  
MASTOCITOMA CUTÂNEO METASTÁTICO EM UM CANINO COM SÍNDROME  
PARANEOPLÁSICA: RELATO DE CASO. 2015